

CADÁVER ESQUISITO

Texto e Encenação | Simão do Vale Africano

Produção

SUBCUTÂNEO
ASSOCIAÇÃO CULTURAL



FICHA TÉCNICA

Texto e Encenação | Simão do Vale Africano

Intérpretes | Daniel Silva, Diogo Freitas, Inês Simões Pereira e Joana Africano

Cenografia e Figurino | Bernardo Monteiro

Sonoplastia e Desenho de Som | Joel Azevedo

Desenho de Luz | Pedro Abreu

Assistência de Encenação | David Salvado

Direção de Produção | Ruana Carolina

Fotografia de Cena | Larissa Pereira

Acompanhamento Fotográfico | David Salvado

Operação de Som | Carolina Elvira

Apoio Técnico | Diana dos Santos

Designer Material Gráfico | Caroline Torres

Parceria | Momento – Artistas Independentes

Apoio | CAMPUS Paulo Cunha e Silva; Polo Cultural Gaivotas – Boavista, Câmara Municipal de Lisboa; Servilusa

Coprodutor | Teatro Diogo Bernardes – Ponte de Lima

Parceiro Institucional | República Portuguesa – Ministério da Cultura

Acolhimento | Espaço Escola de Mulheres



VOLTAR

SINOPSE

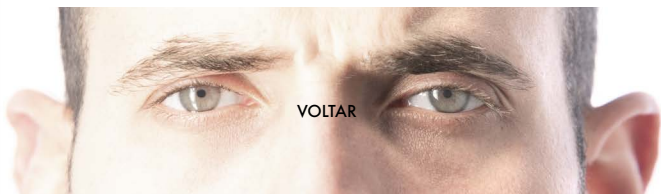
Um caixão fechado, quatro pessoas.

Velam não se sabe quem. Sabe-se apenas que morreu e que com isso atingiu um automático patamar de respeito. Sentem-no "por aí, como um animal escondido na noite".

Atado ao corpo no caixão, um sino rege este velório, ameaçando um regresso improvável. Se voltar - nem que seja para um último estertor de vida - qual será o valor duma vida perto da morte?

Enquanto esperam, sob o véu ominoso dos morcegos e da noite, os quatro ratinhos de laboratório retorcem-se num labiríntico debate, uma elipse de vaidades onde ninguém se parece ouvir, muito como se uma projecção do cadáver esquisito lhes assombrasse o núcleo gelatinoso das suas idiossincrasias.

Resta saber, se o sino tocar, que normas sanitárias serão cumpridas nestes tempos de medos e heroísmo em que, claramente, alguém não vai ficar bem.



VOLTAR

TEXTO ENCENAÇÃO

Fazer humor é uma tristeza.

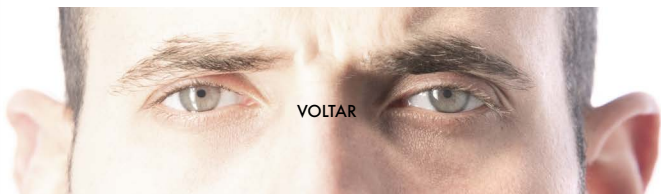
Para quem vai ver este espectáculo - ou para quem o viu e está agora a ler este texto - pode parecer uma afirmação um tanto estranha. Eu que vejo graça em todo o lado e que lido com a vida com um certo sentido das inconveniências, não posso deixar de reconhecer que é apenas um meu defeito transformar tudo em piada.

Talvez porque a piada resida também na ironia (que era para ter sido o título desta peça), quando me deparo com as contradições (deliciosas) das tendências idiossincráticas actuais, o meu “espírito bombista” assombra-me, mesmo antes de ganhar discernimento e desatar a rir disto tudo. E antes de me dedicar à manufactura de um engenho explosivo (actividade para a qual não seria minimamente dotado), decidi escrever e encenar uma peça sobre o medo de morrer e fazer uma alegoria à paranóia dos tempos recentes, enfiando um caixão em cena e quatro personagens relativamente estereotipados à volta desse caixão. Parti do meu conhecimento prévio destes quatro actores (e das suas qualidades) e sarapintámos estes personagens de um estilo satírico que nos empurra para um âmbito irreal.

É em noites como esta que adoro ser noctívago: posso imaginar a solidão - ou qualquer outro cenário sórdido - a visitar alguém, a torturá-la e a colocá-la perante a finitude da vida, esse miasma que relativiza tudo aquilo em que se possa acreditar.

Lugares comuns à parte, neste espectáculo, qualquer coincidência com a realidade é pura semelhança.

Dedicado à minha mãe, Regina do Vale Pais, que tendo morrido após três semanas de solidão absoluta num hospital nacional, a 5 Abril de 2019, teria hoje, creio/espero, a lucidez de se rir de tudo isto.



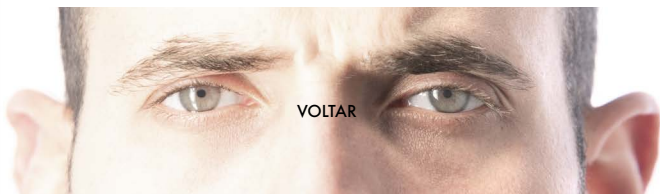
VOLTAR

NOTA DE VERGONHA

Nota de vergonha do dramaturgo/encenador e director da Subcutâneo - Teatro Hialurónico:

Há uns anos - muitos de vós terão dado conta - a comunidade artística, sobretudo os artistas de palco, juntaram-se em manifestações sob a égide "1% para a Cultura", exigindo, justamente, ao Estado Português a distribuição de 1% do orçamento de Estado para a área da Cultura. Não vou entrar em pormenores, neste momento não interessam, mas na altura não participei nestas manifestações temendo que um aumento indiscriminado de financiamento inchasse ainda mais o grave problema de distribuição de meios/dinheiro. Eu, tal como a esmagadora maioria dos meus colegas participantes destas acções de protestos, conheço bem os mecanismos tontos que regem essa distribuição e reconheço neles o principal entrave à boa produção de espectáculos teatrais. Os critérios usados pela Direcção Geral das Artes e pelos próprios teatros (nacionais e municipais) na escolha das produções teatrais (ou melhor, de quem as executa) são cinzentos e lamacentos, sem uma real relação com critérios ou com o cumprimento orgamental do quanto proposto por esses mesmos projectos.

Agora, no meio da pandemia, o sector da Cultura voltou a fazer-se ouvir e, justamente, pediu meios para continuar a poder exercer o seu métier. A resposta iluminada que o Estado Português decidiu dar foi a da criação de um apoio a que chamou "Garantir Cultura" (o que em si já parece uma piada de mau-gosto). Este apoio consistiu na distribuição aleatória (perdão, por ordem de chegada, como se faz aos pombos quando se lhes distribui migalhas nas praças) de apoios em vários escalões, independentemente da sua natureza ou sustentação teórica. Esta falta de critério aparece do nada,

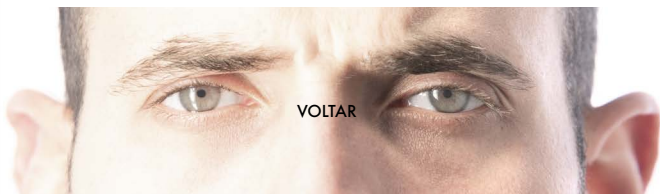


NOTA DE VERGONHA

quando durante anos nos vimos obrigados a preencher fichas e tabelas mirabolantes nas candidaturas aos apoios de Estado. Para além do critério “ordem de chegada”, este (não)concurso obrigou os artistas a estrearem os seus projectos até Fevereiro deste ano, o que atulhou as salas de espectáculos do País, trazendo vários problemas logísticos e deixando a qualidade dos espectáculos entregue tão e somente ao brio profissional dos apoiados - o que resultou numa amálgama de novas produções de qualidade técnica duvidosa. Não satisfeito com a engorda compulsiva, este apoio obriga as estruturas financiadas a esperar 30 dias úteis pelo final das produções para (depois de apresentadas facturas de despesas) lhes ser transferida a segunda metade do valor do apoio; o que impossibilitou várias estruturas de apresentarem as suas produções, tendo de quebrar os seus compromissos com colaboradores e obrigou outras estruturas a antecipar dinheiro do bolso dos seus membros para que os espectáculos pudessem ser realizados sem que as equipas estivessem numa espera infinita para receberem os seus cachês.

Espero que o meu brio profissional (apoiado pelo brio comovente dos restantes colegas desta equipa) seja suficiente para criar um produto tecnicamente capaz e limpar esta vergonha que sinto em usar do erário público de forma indiscriminada.

Desde que comecei a fazer Teatro, defendo que o Teatro financiado publicamente é um serviço público e que, como tal, os primeiros interessados no bom funcionamento das artes cénicas são os cidadãos. Apelo ao bom-senso dos públicos, denunciando na medida da minha insignificância, como tenho vindo a fazer nos últimos oito anos, a idiotia em que nos vemos obrigados a



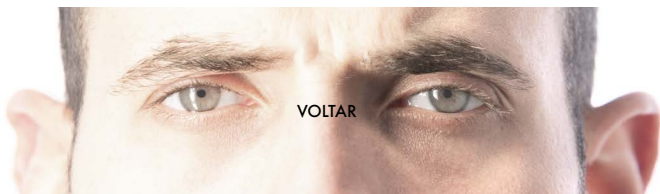
VOLTAR

NOTA DE VERGONHA

viver como artistas de palco. No dia em que o público também “vier para as ruas” reclamar o seu inquestionável direito ao acesso a produções teatrais de qualidade, estaremos um passo mais perto duma mudança efectiva. Até lá é jogo de fantoches.

Este texto representa tão e somente uma minha opinião particular.

Obrigado pela vossa presença,
Simão do Vale Africano



VOLTAR

NOTAS BIOGRÁFICAS

Subcutâneo - Teatro Hialurónico

Fundada por Simão do Vale Africano (encenador e actor) e Francisco Pessanha de Meneses (compositor e investigador) na sequência da experiência de “Gertrude” (2013), é uma plataforma de produção e prossecução de objectivos de pesquisa estética nos ramos da produção e criação transdisciplinar nas artes performativas.

Estreou-se na qualidade de entidade produtora na criação de “Escuto”, (título original “Riverside Drive”, de Woody Allen), com encenação de Joana Africano.

A 13 de Maio de 2016, no Teatro Carlos Alberto, estreou com grande sucesso “As Criadas”, de Jean Genet, com encenação de Simão do Vale Africano, tendo recebido por este espectáculo a “Menção Especial da Crítica” pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e tendo sido record de bilheteira do Teatro Carlos Alberto.

Foi também coprodutora do espectáculo “Trattoria Pirandello” (uma degustação insaciável e meticulosamente condimentada de três curtas peças do autor italiano), estreado em Novembro de 2018 com encenação de Simão do Vale Africano; e de “talvez... Monsanto” o mais recente sucesso de Ricardo Pais, estreado em Dezembro de 2020 no Teatro Nacional São João.

A Subcutâneo tem ainda o objectivo metodológico de providenciar um espaço para o trabalho de interpenetração dos métodos e técnicas de criação do Teatro e da Música: estudar as relações entre o Teatro e a Música, explorando os seus pontos de confluência, diferenciando as visões mútuas de uma e outra artes em relação ao espectáculo como vértice dos seus esforços e, finalmente, criar produtos culturais de grande qualidade que só podem ser obtidos através de trabalho cooperativo e em permanente estado de aperfeiçoamento.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Simão do Vale Africano

Nasceu em Viseu, em 1984; licenciou-se em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade do Porto. Viveu em Génova, onde estudou representação na Scuola di Recitazione del Teatro Stabile di Genova (com Anna Laura Messeri e Massimo Mesciulam, entre outros). Mais tarde, em Turim, trabalhou com encenadores como Pierpaolo Congiu e Antonio Villella, tendo também desenvolvido projectos independentes nos quais encenava e representava. É fundador da Subcutâneo.

Conta no seu currículo de actor com interpretações de textos de autores como W. Shakespeare (“Hamlet”, “A Fera Amansada”, “Muito Barulho Por Nada”, “O Rei Lear”), C. Goldoni (“A Estalajadeira”, “O Teatro Cómico”), L. Pirandello (“O Homem da Flor na Boca”, “Cecé” e “A Patente”) e Molière (“Tartufo”). Dos encenadores com quem trabalhou devem sublinhar-se os nomes de Antonio Villella, Joana Africano, Sara Carinhas, Rogério de Carvalho e Ricardo Pais.

Em Abril de 2013, regressou ao Porto para encenar “Gertrude”, uma sua criação a partir de “Hamlet” de W. Shakespeare.

A 13 de Maio de 2016 estreou (numa coprodução Subcutâneo/TNSJ) a sua encenação de “As Criadas”, de Jean Genet, trabalho que recebeu a “Menção Especial da Crítica, 2016” pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Traduziu quatro peças de L. Pirandello (publicadas numa edição do TNSJ), duas das quais nunca antes editadas em Português. Destas, três foram encenadas pelo próprio num espectáculo intitulado “Trattoria Pirandello” (coprodução Subcutâneo/TNSJ), que estreou a 15 de Novembro, 2018, no Teatro Carlos Alberto, Porto.

Nos primeiros meses de 2019, encenou “Escrever, Falar”, de Jacinto Lucas Pires, numa coprodução Momento - Artistas Independentes/Casa das Artes de Famalicão.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Foi assistente de encenação e actor no espectáculo “talvez... Monsanto” (2020), uma criação de Ricardo Pais coproduzida por TNSJ, Câmara Municipal de Viseu e Subcutâneo.

É também fotógrafo, dedicando grande parte do seu trabalho à fotografia de cena e à criação de conteúdos promocionais para espectáculos, incluindo os seus. Colabora frequentemente com a Voyeur Lab e apresentou a sua primeira exposição com a série “self-less self-portraits” (com curadoria de Rossana Mendes Fonseca, na CRU - Creative Hub, Porto).



VOLTAR

NOTAS BIOGRÁFICAS

EQUIPA CRIATIVA

Bernardo Monteiro | Cenografia e figurino

Assinou os figurinos de múltiplas produções do TNSJ, em particular para encenações de Ricardo Pais e Nuno Carinhas, mas também para espectáculos encenados por João Lourenço, Rogério de Carvalho, João Henriques, e Carlos Pimenta. Destaquem-se, a título de exemplo, UBUs, de Alfred Jarry (2005), O Mercador de Veneza, de Shakespeare (Prémio Guia do Teatros para os melhores figurinos, 2008); Sombras (2010) e al mada nada (2014), espectáculos de Ricardo Pais. Em 2010, pelos figurinos de Tambores na Noite, de Bertolt Brecht, e Breve Sumário da História de Deus, de Gil Vicente, produções do TNSJ encenadas por Nuno Carinhas em 2009, foi distinguido com uma Menção Especial da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

Para o Teatro, entre as várias companhias com quem tem colaborado, destacam-se a ASSÉDIO, para a qual concebeu os figurinos da quase totalidade dos espectáculos produzidos entre 2000 e 2010, o Ensemble – Sociedade de Actores, o Novo Grupo/Teatro Aberto e As Boas Raparigas..., entre outras. Mencionem-se finalmente, apenas a título de exemplo, alguns espectáculos em que colaborou: Pelo prazer de a voltar a ver, de Michel Tremblay, enc. Marta Dias (2012), O Doente Imaginário, de Molière, enc. Rogério de Carvalho (2012), A Grande Vaga de Frio (com Orlando de Virginia Woolf), de Luísa Costa Gomes, enc. Carlos Pimenta (2017), Émilie e Voltaire, de Arthur Giron, enc. Emília Sivestre, Primavera Selvagem, de Arnold Wesker, enc. Jorge Pinto (2019), Despe-te [Isabel], de Ella Hickson, enc. Pedro Galiza (2021), Sétimo Céu, de Caryl Churchill, com encenação de Diogo Freitas, Hantígona, texto e encenação de Guillermo Heras, (2021), Gertrude, a partir de Shakespeare (2013), e As Criadas, de Jean Genet (2016), espectáculos para os quais concebeu também a cenografia, e Trattoria Pirandello, de Luigi Pirandello, (2018), encenações de Simão Do Vale Africano.



VOLTAR

NOTAS BIOGRÁFICAS

Joel Azevedo | Designer de som/Sonoplastia

Licenciado em Audio Technology and Music Industry Studies pela Kingston University of London e Mestre em Comunicação Audiovisual, especialização em Produção e Realização Audiovisual, pela ESMAE. Participou em projectos de som, ao vivo e em estúdio, com os engenheiros de som Alex Harris (Gateway SoundEducation/BBC) e com a realizadora Sophie Meyer (Reuters Television/TF1). Como diretor de som, participou nas curtas-metragens Silêncio (2012), Inversos (2013) Deus Providenciará (2015) e Boca do Inferno (2020). Foi responsável pela pós-produção áudio da serie de ficção 4_Play (RTP 2018). Executou a gravação, edição e mistura de Estudos Incomunicantes, do compositor Álvaro Salazar (2014), Divine obras de Mozart e Brahms, interpretado por Carlos Alves e arte Music Ensemble (2015), Fugit irreparabile tempus II do compositor Álvaro Salazar (Ed. Atelier de composição, 2021), "Homage to Komitas" pelo Trio Aeternus (Ed. Toccata Next 2020) com direção musical de Virgílio Melo.

Iniciou uma colaboração regular com o TNSJ em 2004. Desde 2007 que integra o departamento de Som do TNSJ onde assinou o desenho de som do espectáculo Drumming na Praça, dir. musical Miquel Bernat (2008); do concerto de Rabih Abou-Khalil Group com os fadistas Ricardo Ribeiro e Tânia Oleiro (2007); de Tambores na Noite, de Brecht (2009), e Antígona, de Sófocles (2010), encenações de Nuno Carinhas; e de al mada nada (2014), e talvez... Monsanto (2020), espetáculos de Ricardo Pais.

Assegurou também o desenho de som e sonoplastia de A Morte do Palhaço, de Raul Brandão, enc. João Brites (O Bando/TNSJ, 2011), Madalena, a partir de Almeida Garrett, enc. Jorge Pinto (Ensemble, 2013), As criadas (2016), e Pirandello (2018), enc. de Simão Pais, Alma (2020) enc. de Tiago Correia, Retrato de família (2017), Livro de Horas (2018), Pátria (2019) e Airbnb & Nuvens: uma rádio novela (2020) encenações de Manuel Tur, Lear (2021) enc. de Nuno Cardoso.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Assegurou também o desenho de som e sonoplastia de A Morte do Palhaço, de Raul Brandão, enc. João Brites (O Bando/TNSJ, 2011), Madalena, a partir de Almeida Garrett, enc. Jorge Pinto (Ensemble, 2013), As criadas (2016), e Pirandello (2018), enc. de Simão Pais, Alma (2020) enc. de Tiago Correia, Retrato de família (2017), Livro de Horas (2018), Pátria (2019) e Airbnb & Nuvens: uma rádio novela (2020) encenações de Manuel Tur, Lear (2021) enc. de Nuno Cardoso.

Pedro Abreu | Designer de luz

Nasceu em Lisboa, em 1994, e licenciou-se em produção e design de Luz e Som na ESMAE, no Porto. Desde a sua formação, esteve envolvido em projetos relacionados com o teatro, a música, exposições de arte e iluminação arquitetural. Faz parte de um coletivo onde desenvolve desenhos de luz para fachadas e jardins emblemáticos do Porto, ao mesmo tempo que tem realizado trabalhos técnicos e criativos na área da iluminação teatral. O seu trabalho procura criar quadros de luz, com o intuito de salientar elementos singulares que ajudem a transmissão da mensagem inerente a cada projeto. O foco criativo é relacionar ambiências com o tema, a dramaturgia, o espaço ou a ação.

David Salvado | Assistência de encenação

Licenciado em Interpretação pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto e em Teatro Musical pelo Royal Conservatorium of Brussels.

Trabalhou com companhias e produtoras nacionais e internacionais como Plano 6, Raia Produções, AM Live, Atitudes Latino, UEFA, Bomba Suicida, UAU Produções, 4 Ventos e Plural Entertainment.

No Teatro integrou o elenco de O Despertar da Primavera, Terror e Miséria na Queda da Democracia, Navegar, A Severa, Lusitânia Comedy Club, A Bela e o Monstro No Gelo, Zoo O Musical, entre

NOTAS BIOGRÁFICAS

outros. No cinema e televisão participou em 8MAIS1, Revolução, 4 Pratos Gourmet, A Única Mulher, Ouro Verde, O Alto e Festa é Festa.

Como fotógrafo faz acompanhamento fotográfico de várias produções internacionais e nacionais. Trabalhou com nomes como Cláudia Raia, Jarbas Homem de Mello, Heloisa Perissé, Marcus Caruso, Irma Dali, Madalena Alberto, John Addison e muitos outros. Em paralelo colabora regularmente com a AR Produções como audiodescritor em equipamentos culturais como o Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional São João e Teatro Municipal São Luiz.

“Cadáver Esquisito” é o seu primeiro projeto com a Subcutâneo e como Assistente de Encenação.



VOLTAR

NOTAS BIOGRÁFICAS

ELENCO

Daniel Silva

Nasceu em 1994, Vizela. Em 2012, começa a sua formação escolar no Curso Profissional de Artes do Espectáculo – Interpretação na escola ACE Famalicão. Licencia-se na ESMAE IPP/Porto. Em 2016, integra o elenco de “Rei Lear” do Ensemble - Sociedade de Actores, co-produzido com Teatro Nacional de São João. Em 2017 integra o elenco do espectáculo “O Grande Deus Pã”, de Arthur Machen e encenação de Pedro Galiza, na Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão produzido pela Momento-Artistas Independentes. Participa na curta-metragem “Snooze”, de Dinis Leal Machado. Em 2018, encena o seu primeiro espectáculo, “Charlotte”, interpreta e executa a composição sonora no espectáculo a solo “Vida e Obra de um Homem Mais ou Menos apresentável”, dirigido por Pedro Galiza e produzido pela Grua Crua e participa na curta-metragem “Boca do Inferno” de Luís Porto.

Em 2019, integra o elenco de “Escrever, Falar”, de Simão do Vale Africano e texto de Jacinto Lucas Pires e é intérprete no espectáculo “Yo Ecribó, vos Dibujas” de Federico León no Mosteiro São Bento da Vitória no âmbito do FITEI 2019. Participa no filme “1618”, de Luís Ismael, produção Lightbox Film & Advertising.

Em 2020, integra o espectáculo “M.A.D”, co-produção Grua Crua e a Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão. No mesmo ano, integra o elenco do espectáculo “Vivo ama Morta” da Ensemble - Sociedade de Actores, com encenação de Jorge Pinto.

Em 2021 integra o elenco de “As Três Irmãs” de Antón Tchéckov e encenação de Carlos Pimenta e de “O Pecado de João Agonia” da Assédio Teatro, com encenação de João Cardoso no Teatro Carlos Alberto. Lança no mesmo ano o projecto de cruzamento disciplinar “De Profundis” a partir da obra homónima de Oscar

NOTAS BIOGRÁFICAS

Wilde em formato work-in-progress e vídeo que mistura teatro e música, uma co-produção Grua Crua e Outcube - Stage and Lighting Design.

Atualmente, faz parte da Grua Crua, estrutura de criação e produção artística e a par do seu trabalho como actor em projectos independentes, continua a desenvolver trabalho aliado à música e à criação e interpretação musical.

Diogo Freitas

Nasceu em 1996, em Famalicão. Iniciou a sua formação em Lisboa, no Teatro da Trindade. Prossegue os estudos na ACE e mais tarde a licenciatura na ESMAE. Na sua formação artística salienta formadores como Jorge Pinto, Emília Silvestre, Cristina Carvalho, João Reis, Pedro Almendra, António Durães, Inês Vicente, João Henriques, Gonçalo Amorim e Paula Branco. Realizou workshops com André Braga, Nuno M. Cardoso, João Garcia Miguel, Grace Passô e Felipe Hirsch .

Como ator trabalhou com Rogério de Carvalho, Ana Luena, Jorge Pinto, Pedro Galiza, Carlos Pimenta, Simão Do Vale Africano Pais e Jorge Silva Melo. Estreou como encenador em 2018 com um espetáculo sobre Fernando Pessoa no Teatro da Virgínia. É convidado para dirigir o ano de Residência de 2019 em Gondomar, onde criou "Dilúvio" a partir de textos de Ricardo Neves Neves. Em 2020 ganhou a bolsa de Criação Espaço do Tempo/Fundação La Caixa, com o espetáculo "COMO PERDER UM PAÍS". É diretor artístico da estrutura Momento Artistas Independentes.

Inês Simões Pereira

Nasceu em 1989, Almada, Lisboa. Actriz, encenadora, formadora e produtora. Trabalha em teatro desde 2005, é formadora de teatro desde 2008, formando-se profissionalmente em Interpretação na ESMAE/IPP. Dirige e co-dirige, regularmente, grupos de teatro, oficinas e formações e colabora como

NOTAS BIOGRÁFICAS

assistente de encenação, formadora e produtora em projectos independentes. Entre 2013–2016 programa teatro, dança, circo, música, artes plásticas e literatura, co-criando o Philantra Festival de Arte Independente, para a Filantrópica – Cooperativa de Cultura da Póvoa de Varzim.

Co-funda em 2015 o FIS · Festival Internacional de Solos, co-produzido com o Cine-Teatro Garrett, onde é directora de produção e programadora até ao presente. É, desde 2015, formadora/encenadora no Devisa Teatro, através do qual co-organiza a Mostra de Teatro Escolar da Póvoa de Varzim e pelo qual participa como coordenadora no programa Erasmus+ Developing Key Competences Through Drama na Roménia (2018) e na Macedónia (2019). Em 2018-2019 é docente no Teatrário – Programa de Formação em Teatro para Jovens e Crianças na ESMAE/IPP. Ainda em 2019, é actriz no filme “1618” de Luís Ismael, produzido pela Lightbox Film & Advertising do Porto e co-funda a Grua Crua, um colectivo artístico.

Em 2020, integra o elenco do espectáculo “M.A.D.”, co-produzido pela Grua Crua e a Casa das Artes de V.N. de Famalicão.

Em Junho de 2021, participa como assistente de encenação no espectáculo “Despe-te [Isabel]”, produzido pelo Ensemble — Sociedade de Actores. Em Setembro de 2021, faz produção para o espectáculo “Diacrítico”, co-produzido pela Grua Crua e a Assédio Teatro. E em Novembro estreia o seu mais recente projecto de criação “Um grito depois do silêncio”, co-produzido pela Grua Crua e a Carruagem – Tráfego de Ideias.

Actualmente integra o elenco do espectáculo “Cadáver Esquisito” de Simão do Vale Africano, pela Subcutâneo - Associação Cultural, a estrear na Escola de Mulheres, em Lisboa e participa como produtora executiva no espectáculo “FÁBULAMÃE” de Teresa Arcanjo, uma co-produção Grua Crua, Casa das Artes de V. N. de Famalicão e FITEI 2022. Tanto dentro como fora do palco, resiste e dedica-se, fervorosamente, ao trabalho como actriz

NOTAS BIOGRÁFICAS

e criadora, à formação de jovens, à produção, programação e divulgação culturais.

Joana Africano

Nasceu em 1990, na cidade do Porto. Licenciada em Teatro/ Interpretação pela ESMAE em 2012. Em 2011, fundou Teatro Anémico com Tiago Moreira. Juntos conceberam os espectáculos “À la Vie, À la Mort” e “À la Mort”, para rua e palco. Em 2014 encena, numa co-produção entre o Teatro Anémico e a Subcutâneo, “ESCUTO” um espectáculo a partir de “Riverside Drive” de Woody Allen e em 2015 assiste a encenação de Teresa Arcanjo e Afonso Santos de “Sou o Vento” de Jon Fosse, também uma produção do Teatro Anémico. Ainda em 2014 participa como atriz no espectáculo de teatro musical “Amo-te, mas Tens De Mudar” com encenação de Patrícia Franco.

Em 2016 participa como atriz no espectáculo “As Criadas” de Jean Genet, com encenação de Simão Do Vale Africano, espectáculo esse que é distinguido com uma Menção Especial pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Ainda no ano de 2016 e 2017, pertence ao elenco de “Os Últimos Dias da Humanidade” de Karl Krauss com encenação de Nuno Carinhas e Nuno M Cardoso, numa produção do Teatro Nacional São João.

Em 2018, com a Subcutâneo e pela encenação de Simão Do Vale Africano, integra o elenco de “ Trattoria Pirandello “ um espectáculo com 3 textos de Luigi Pirandello dos quais participa em “ Sonho, ou talvez não” e “Cecè”.

Tem um percurso como figurinista iniciado em 2018 com “Peignoir” de Bruno dos Reis, que continuou em 2019 com “Dilúvio”, encenação de Diogo Freitas, e “Escrever, Falar” de Jacinto Lucas Pires, com encenação de Simão do Vale Africano. Neste último assina também a cenografia.

NOTAS BIOGRÁFICAS

PRODUÇÃO E TÉCNICA

Ruana Carolina | Direção de produção

Nasceu no Brasil, em 1990. Veio para Portugal em 2018 para tirar o Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústria Criativa na Universidade do Porto. Tem bacharelado em Ciências Sociais pela UFRJ e fez o curso de Formação de Ator na OST - Rio de Janeiro.

Foi Assistente de Produção no Prémio Arlequim de Teatro em 2015 e 2016, no Rio de Janeiro. Em 2016 e 2017 dirigiu a produção executiva d'Os 100 Talentos Cia de Teatro. Já em Portugal foi Produtora do Teatro Manga de 2019 a 2021, onde também fez parte da Direção Artística; colabora com EmFim - Associação do Artista desde 2020 e atualmente é a responsável pela Produção Executiva da Momento - Artistas Independentes.

Carolina Elvira | Operação de som

Nasceu em 1998 no Porto, onde frequentou o Balletatro Escola Profissional- curso de interpretação, entre 2013/2016. Licenciou-se em Teatro - Produção pela Escola Superior de Teatro e Cinema.

Profissionalmente já realizou trabalhos como diretora musical, produtora e técnica. Em 2018, integrou a equipa do Festival Cumplicidades - Festival Internacional de Dança Contemporânea de Lisboa, assumindo-se como assistente de comunicação e produção.

Entre 2019/2020 trabalhou no Teatro da Garagem como assistente técnica e diretora de cena. Atualmente dedica-se à produção de música eletrónica e de sonoplastias.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Larissa Pereira | Fotografia de cena

Larissa Pereira tem 34 anos, é nascida no Rio de Janeiro, e trabalhou por anos como fotógrafa exclusiva do Teatro Municipal de Niterói.

Trabalha com fotografia desde 2010 e já fotografou profissionalmente por diversos países, como Nova Zelândia, Austrália, Malásia, Reino Unido, e agora em Portugal.

Seu foco é em ensaios particulares, espetáculos teatrais e fotografia de arquitetura.

Caroline F. Torres | Designer Material Gráfico

Natural de Brasília, Brasil, nasceu em 1991. Tem Bacharelado em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Brasília, tecnólogo em Design de Moda pelo IESB e Mestrado em Práticas Editoriais e Tipográficas Contemporâneas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Desde 2014 mora em Lisboa e trabalha como freelancer nas áreas de design gráfico e editorial, gestão de redes sociais, webdesign, marketing digital e copywriting. É Diretora de Arte e revisora da Revista SóClássicas e fundadora da Eleven Creative Solutions.

NOTAS BIOGRÁFICAS

MOMENTO – ARTISTAS INDEPENDENTES | PARCERIA

Fundada em 2017 por Daniel Silva e Diogo Freitas, nasce da pluralidade desses jovens criadores com vontade de criar uma identidade enquanto artistas pensadores. Repensam e reescrevem os clássicos, no seu tempo e ao seu tempo; produzem textos originais, incentivando assim, a dramaturgia contemporânea, um dos pilares da estrutura. Pretendem ser um aglomerado de estudos de texto, corpo, voz, música e movimento, a fim de impulsionar novas criações, através da cooperação artística. “O Grande Deus Pã”, com encenação de Pedro Galiza, que teve sua estreia na Casa das Artes de Famalicão, abre a jornada, esperamos que longa, desta estrutura.

A Direção Artística está a cargo de Diogo Freitas.

Enquanto estrutura, já fizeram textos de Jacinto Lucas Pires, Fernando Pessoa, Filipe Gouveia, entre outros. Já passaram pela Casa Das Artes de Famalicão, Teatro Viriato, Teatro Diogo Bernardes, Teatro Municipal Baltazar Dias, Teatro Virgínia, Teatro Nacional São João – TeCA, Teatro Municipal São Luiz, 23 Milhas, Theatro Circo e Teatro de Bragança.

Colaboraram com o projeto “HÁ CULTURA”, da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, onde desenvolveram projetos como “Despertar” e “Diários da uma quarentena”.

Recentemente, estiveram em criação para o espetáculo “Como Perder Um País” – encenação Diogo Freitas, apoiada pela DGArtes, além da Bolsa de Criação Espaço do Tempo e Fundação La Caixa, e que passou pela Casa das Artes de Famalicão, Teatro Municipal do Porto – Rivoli, Teatro do Noroeste/ Viana do Castelo e passará em 2022 Casa das Artes de Felgueiras e Teatro Municipal Baltazar Dias.

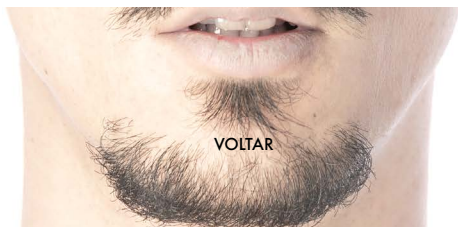
NOTAS BIOGRÁFICAS

Receberam um apoio pontual da DGArtes para a circulação do espetáculo “dilúvio”, criado por Diogo Freitas, em residência artística em Gondomar, em parceria com a InSkéne.

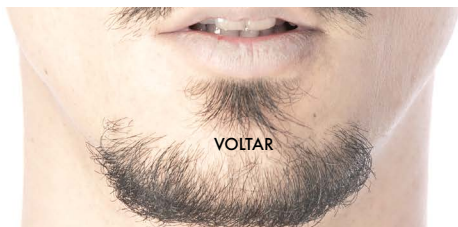
Estreou em outubro 2021 o espetáculo “Sétimo Céu” de Caril Churchill em outubro de 2021, em Riba D’Ave – Famalicão, na antiga Fábrica Sampaio Ferreira, firmando assim o propósito desta estrutura de repensar clássicos ao nosso e para o nosso tempo.

“Cadáver Esquisito” é o primeiro projeto em parceria com outra estrutura de criação.

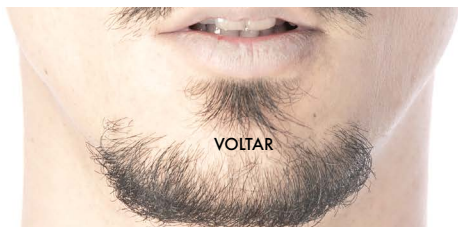
IMAGENS



IMAGENS



IMAGENS



PARCEIROS E APOIOS

Apoio

CAMPUS
PAULO CUNHA E SILVA



GAIVOTAS BOAVISTA



Parceria

Momento - Artistas independentes

Coprodutor



Parceiro Institucional



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

VOLTAR